

O RELATIVISMO CRIADOR EM FERNANDO PESSOA.

Eunice Terezinha Piazza Gai

INTRODUÇÃO

Sabendo-se de antemão que a compreensão da totalidade e abrangência da obra de Fernando Pessoa, devido à sua complexidade, é tarefa gigantesca e ultrapassaria os limites deste trabalho, optou-se por apresentar as características essenciais da obra como um todo.

Quando Fernando Pessoa diz que é preciso sentir tudo de todas as maneiras e faz disso uma norma de vida, baseando nessa norma quase toda a sua criação literária, faz-se necessário verificar a sua real significação.

"Sentir tudo de todas as maneiras e na mesma medida: o bem e o mal, o saudável e o mórbido, o normal e o anormal..."

Tal aspecto nada mais é do que a relativização de todos os valores.

Assim, para compreender Fernando Pessoa, é preciso apanhar a chave do seu relativismo. Verificar até que ponto há uma unidade na sua obra.

A perfeição com que chegou a exprimir-se poeticamente constitui um dos aspectos unificadores.

É importante também estabelecer parâmetros entre a sua filosofia e a sua poesia.

Pessoa diz:

"Fui um poeta animado pela filosofia e não um filósofo com faculdades poéticas".

Percebe-se então que a filosofia o influenciou, mas que foi, acima de tudo, um poeta.

O Relativismo em Fernando Pessoa está estritamente

ligado à criação dos heterônimos, ao fingimento e ao Paganismo (especialmente em Alberto Caeiro) e se manifesta na desmistificação e destruição de todos os dogmas e verdades parciais para buscar a lei mais profunda que rege o Universo. E, como este Universo se apresenta paradoxalmente, é preciso ser Plural como ele.

Não ter verdade nenhuma foi a grande verdade de Fernando Pessoa.

FERNANDO PESSOA: OS HETERÔNIMOS E O PAGANISMO

O próprio Fernando Pessoa não define exatamente a gênese dos heterônimos. Na obra em prosa: Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, dá várias explicações para o seu surgimento. Entre elas:

Considera-se um poeta de tipo superior e este seria obrigado a despersonalizar-se. Segundo Pessoa, há quatro graus de poesia lírica. No quarto grau, onde ele se coloca, e é o mais raro, o poeta torna-se dramático por um espantoso dom de sair de si. Neste grau o poeta entra em plena despersonalização e não só sente, mas vive os estados de alma que não tem diretamente.

Diz também na mesma obra que, vivendo em um meio literário árido, na pobreza cultural e artística da época, que podia fazer um homem de gênio senão criar seus próprios companheiros, multiplicar-se como compensação? "Converter-se, ele só, em uma Literatura?"

Em carta a Casais Monteiro, diz que a origem dos heterônimos reside na sua histeria. E que os fenômenos histéricos nele não se manifestavam na vida prática, mas "reduzem-se a silêncio e poesia". A característica da histeria seria uma tendência orgânica para a despersonalização e o fingimento.

Várias vezes Pessoa se refere ao problema da histeria, provavelmente influenciado pelo pensamento da época, onde as idéias da psicologia e psicanálise tinham bastante receptividade. Isso levou-o a estudar e fazer uma análise minuciosa da sua personalidade.

Determinar exatamente como surgiram os heterônimos é tarefa impossível, já que o próprio poeta não o fez. Representam uma nova forma de criação muito afeita aos seus princípios de relativização.

Existem e possuem características diferenciadas.

Estas, no entanto, são apenas nuances entre um e outro heterônimo, percebíveis apenas no estilo, na forma de expressão, porque, na verdade, a essência é a mesma: a busca de uma verdade existencial mais originária.

"Sê plural como o Universo". Se o Universo se apresenta de forma paradoxal e de múltiplas maneiras, é preciso senti-lo paradoxalmente e na sua multiplicidade.

Como "Sentir" para Pessoa era sentir apenas poeticamente, os heterônimos são uma forma coerente de sentir tudo de todas as maneiras e captar a pluralidade do universo dentro de um prisma estético.

Segundo Fernando Pessoa, os heterônimos possuem características diferenciadas, tanto nas idéias norteadoras de criação, como na forma de expressão.

Em Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, os heterônimos se explicitam uns aos outros.

Sobre Alberto Caeiro: foi o Paganismo absoluto, sua obra possui um caráter de consolação por buscar na grandeza antiga da Grécia, um lenitivo para a confusão e neurose da vida moderna. É uma arte objetiva, limitando-se a observar e aceitar as vicissitudes; é inocente, livra-nos de pensar.

Ricardo Reis assim se refere a Alberto Caeiro, seu mestre:

"A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do Paganismo na sua essência absoluta. A obra, porém, e o seu Paganismo, não foram nem pensados, nem até sentidos: foram vindos como o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão. (...) o grande libertador, que nos restituiu cantando, ao nada luminoso que somos, que nos arrancou a morte e a vida, deixando-nos entre as coisas simples, que nada conhecem em seu decurso de viver, nem de morrer; que nos livrou da esperança e da desesperança, para que não nos consolamos sem razão, nem nos entristecemos sem causa; convivas com ele sem pensar, da necessidade objetiva do universo." (2)

Com isso, Pessoa quer dizer que o Paganismo de

(2) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação p.330-2.

Caeiro é uma característica da sua própria essência, não pensado, nem intelectualizado e pretende, por meio de seu estilo, ser a representação genuína da natureza, como o foram as grandes obras dos gregos, numa identificação completa com as coisas.

No entanto, Jacinto do Prado Coelho, analisando a obra de Caeiro, demonstra haver nela um grande paradoxo. Diz ele que o poeta Caeiro seria um lírico espontâneo, instintivo, inculto, com uma candura e placidez ideais, símbolo da pureza e da verdade. É quando diz: "Eu nem sequer sou poeta: vejo", aí começa a sua contradição, pois é, de fato, um autor de poemas. A linguagem situa-nos numa esfera de abstrações e de conceitos; e, exprimir-se verbalmente uma imagem não racionalizada do mundo, é empresa impossível. Assim,

"as vivências típicas do poeta Caeiro, que este assegura ter experimentado, estavam condenadas a morrer no silêncio." (3)

Jacinto do Prado Coelho continua dizendo que, em Caeiro, o pensador, o raciocinador suplanta o poeta, que adota, perante a linguagem, uma posição nominalista apenas e não consegue a pureza de visão que teoricamente apregoa. Assim, quando Pessoa nos quer convencer de que o pensamento de Caeiro é o pensamento ingênuo de um poeta, a sua obra deixa uma impressão contrária. É Caeiro é um abstrato, paradoxalmente inimigo de abstrações.

Levando-se em conta uma análise intelectual e racional da obra de Caeiro, é necessário concordar com o autor citado. Na verdade, quem é que pensa metafisicamente mais do que Alberto Caeiro?

*"Que idéia tenho eu das coisas?
Que opinião tenho sobre a causa e os efeitos?
Que tenho meditado eu sobre Deus e a alma?
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas)". (4)*

(3) Coelho, Jacinto do Prado. Diversidade e Unidade em F.P. Verbo. Lisboa, 2ª ed., p.23.

(4) Pessoa, Fernando. O Eu profundo e os outros Eus.

Embora assegure que não pensar sobre estes problemas cruciais ontológicos do homem é a solução, porque, da mesma forma, nada nos é dado conhecer, estes problemas permanecem e angustiam. Quando diz: e correr as cortinas da minha janela, imediatamente acrescenta: mas ela não tem cortinas, isto é, de nada adianta não querer pensar e de nada adianta pensar. Aqui Pessoa (Caeiro) relativiza a questão.

Se Caeiro é ou não um paganista abstrato, a leitura de sua obra nos leva a concordar com Ricardo Reis quando diz:

"Mas eu encaro a obra de Caeiro não só pelo seu aspecto de beleza, como também pelo seu aspecto de consolação. Para o espírito que se sente exilado entre a confusão e a imperícia da vida contemporânea, há momentos em que o peso dessa diferença tão dolorosamente se acentua, que é preciso qualquer reflexo de placidez e da grandeza antigas para obstar a que advenham as piores maldades do desespero". (5)

O próprio Fernando Pessoa (Ricardo Reis) deixa registrado que o seu paganismo não é igual ao dos gregos, porque não o pode ser. É um homem do século vinte, um poeta sobretudo, que está em busca de uma verdade existencial, possui outra consciência.

"Tenho sentido muitas vezes, e com agudeza, essa sensação de exílio entre os objetos que o Cristianismo produziu. Nunca logrei para ela remédios entre os autores da antiguidade: eles não conheceram o nosso mal de espírito, e por isso não puderam escrever em relação a ele. São inocentes, mesmo os mais poluídos. Lê-los exaspera-me o mal que a vida de hoje me causa. É como uma criança que brincasse comigo, exasperando o meu mal de adulto com sua simplicidade simples demais." (6)

Querer penetrar nas idéias de Fernando Pessoa é deixar-se cair nas suas malhas, pois, ao mesmo tempo que luta

(5) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação

(6) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. p.320.

pela reconstrução do paganismo e reconhece nele a forma mais coerente de encarar a vida, desacredita-o e percebe a sua impossibilidade de adoção como forma de comportamento.

"Por isso, quando me declaro e amo a obra de Caspary, porque ela envolve uma reconstrução integral da essência do paganismo, eu não sobreponho a esse amor quaisquer esperanças no futuro. Não creio em uma paganização da Europa ou de qualquer outra sociedade. O paganismo morreu. O Cristianismo, que por decadência e degeneração descende dele, substituiu-o definitivamente. Está envenenada para sempre a alma humana. Não há recurso ou apelo senão para o desdém, se valesse a pena o esforço doloroso de desdenhar." (7)

Este é mais um aspecto paradoxal em Fernando Pessoa. Sobre a Arte, Pessoa pensava da seguinte maneira: considerava como arte verdadeira apenas a Literatura e depois a música, por serem concretizações abstratas da emoção. Não considerava artes a pintura, a escultura, a arquitetura, porque pretendem concretizar a emoção no concreto. Diz: "o papel da arte é de, ao mesmo tempo, interpretar e opor-se à realidade social sua coeva". E mais adiante:

"A finalidade da arte é simplesmente aumentar a autoconsciência humana." (8)

isto é, a arte deve proporcionar ao homem uma verdadeira consciência da sua impotência perante um universo regido por leis que escapam à sua compreensão. Por isso diz: "Os gregos eram muito mais tristes do que muita gente julga". (ibid. p.232)

Para compreender o caráter do paganismo, não basta compreender as suas características só com a inteligência, segundo Pessoa, pois assim compreendidas, "nada são e nada valem. Tem o indivíduo que nasce com a inteligência para compreendê-las, colocada no centro da sua sensibilidade." (ibid. p.235)

(7) Ibidem. p.322

(8) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. p.167.

Assim, as obras de Caetano devem ser lidas e compreendidas com uma inteligência sensível, levando-se em conta o seu caráter altamente poético com a sua beleza e fluidez de estilo.

Ricardo Reis e o Epicurismo Triste:

Propugna um neoclassicismo em que defende a objetividade, revela-se menos absoluto que seu mestre Caetano. Sua ética é estoíco-epicurista.

"Por mim, se em mim posso falar, quero ser ao mesmo tempo epicurista e estoíco, certo que estou da inutilidade de toda a ação num mundo em que a ação está em erro, e de todo o pensamento em um mundo onde o modo de pensar se esqueceu." (p.323)

Ricardo Reis sofre uma presença constante da velhice e da morte e vai em busca de um prazer relativo. E por saber disto, seus poemas são toldados pela tristeza.

Na poesia Lídia de Ricardo Reis, é possível apreender todos estes elementos.

*"Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos.
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.*

(Enlacemos as mãos)

*Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para uma mar muito longe, para o pé do Fado
Mais longe que os deuses.*

*Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena
casarmo-nos.*

*Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como
o rio.*

*Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes*

*.....
E se antes do que eu, levares o óbolo ao bar-
queiro sombrio*

Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.

*Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim
à beira-rio.
Pagã triste e com flores no regaço."
(p.185-6) (9)*

O motivo da poesia é a fugacidade do tempo. A vida passa (há uma insistência neste verbo). Mas a temática é: sabendo-se que a vida passa quer façamos ou não grandes coisas, a única solução que nos resta é deixá-la passar, mas tentando usufruir aquilo que é sublime e belo. Esta seria a idéia do epicurismo. No entanto, Reis "sabe" que a vida passa e que não há remédio e isso o torna triste. Daí o seu Epicurismo triste.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, Ricardo Reis sofreu influência de Horácio, ("o poeta que temperou com a ética estoica a doutrina de Epicuro" e, como Horácio, possui um caráter moralista a sua obra, fundamentada nos seguintes princípios: o fluir do tempo, a inanidade dos bens terrenos, os enganos da fortuna e a morte.

Ressalta ainda Prado Coelho que Ricardo Reis é um produto de cultura, mas isto não invalida a originalidade de sua obra mesmo que o estilo seja também parecido com a de Horácio, se integrado ao conjunto da obra pessoal.

Em síntese, Ricardo Reis preconiza uma vida humana voltada para uma tal forma de agir que permita chegar à morte de mãos vazias, sem ter-se ligado a nada dos bens terrenos.

Esta forma de viver é conseguida, segundo Reis, através de uma disciplina que vem do estoicismo.

"O estoicismo é a mais alta moral pagã porque reduzida ao princípio abstrato que é a essência de todas as éticas do paganismo. A disciplina é a única deusa ética dos estoicos".

(p.295)

(Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação.)

Ricardo Reis é quem prefacia e esclarece as obras de Caeiro.

Álvaro de Campos.

(9) Pessoa, Fernando. O Eu Profundo e os Outros Eus.

Álvaro de Campos aceita de Caeiro, não o objetivo e o essencial, mas o aspecto subjetivo e deduzível da sua atitude. É o poeta sensacionista: sentir tudo e de todas as maneiras. Não tem ética. É amoral, senão imoral. Cultiva as sensações fortes, todas elas egoístas, recorrendo mesmo às de crueldade e luxúria. Tem uma inclinação futurista. Canta o paganismo na civilização industrial que cresceu à margem da espiritualidade cristã, com afirmação da matéria. (10)

É a Álvaro Campos que Fernando Pessoa delega toda a sua produção de cunho sensacionista. O sensacionismo deriva do Paulismo e Interseccionismo. Estes vêm do Simbolismo, portanto possuem o caráter decadentista.

"Os sensacionistas são, antes de mais, decadentes, descendentes diretos dos movimentos decadentes e simbolista. Reivindicam e pregam absoluta indiferença para com a humanidade, a religião e a pátria". (11)

Uma das características do Sensacionismo era de ser a sua arte anti-social. Em Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, diz:

"A arte não tem para o artista fim social. Tem sim um destino social, mas o artista nunca sabe qual é. (...) Todo o artista que dá à sua arte um fim extra-artístico é um infame. (...) e além disso, um anti-social. A maneira de o artista colaborar utilmente na vida da sociedade a que pertence, é não colaborar nela. Assim a natureza, quando o criou artista e não político ou comerciante, o ordenou. Não se admite que um político escreva artigos antipatrióticos." (12)

Após estas citações, é de se perguntar: afinal, quem é Fernando Pessoa? É aquele que escreve Mensagem, ou é

(10) Pessoa, Fernando. Fundamentos Filosóficos da obra. (apud. Antonio Pina Coelho)

(11) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. p. 202.

(12) Lind, George Rudolf. Estudos sobre Fernando Pessoa.

aquele que diz que um artista não deve escrever poesias patrióticas? É possível entendê-lo se se tomar a Mensagem e, acima do seu caráter nacionalista, for considerado o seu aspecto lírico e ocultista.

Georg Rudolf Lind também se questionou a esse respeito. Segundo ele, é uma discrepância que só se torna aceitável se levarmos em conta que esta atitude de indiferentismo de Pessoa só se manifesta em Álvaro Campos. (Alberto Caetano e Ricardo Reis, devido à sua atitude filosófica, também não poderiam tomar para si atitudes patrióticas, sob pena de se revelarem incoerentes). (13)

Fernando Pessoa também tem resposta para esta questão. "Sou, de fato, um nacionalista místico, um sebastianista racional, mas sou, à parte disso e até em contradição com isso, muitas outras coisas."

Álvaro Campos é o autor de: Opiário, poema decadentista, devido às influências da época; Ode Marítima, onde o poeta encara a poesia como força, vitalidade interior e defende uma estética não aristotélica (esta era a de que a arte era a idéia de beleza, devia ser agradável).

Ode Triunfal, onde faz uma apologia das máquinas, canta a civilização industrial, o progresso. (Nítida influência do Futurismo.)

"Ah! poder exprimir-me todo como um motor se exprime.

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornando-me passento

A todos os perfumes de óleos e calores e carvãos

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!..." (14)

Tanto na Ode Triunfal como na Ode Marítima há influências de Walt Whitman. Saudação a Walt Whitman, onde

(13) Pessoa, Fernando. Carta a Casais Monteiro em Páginas de Doutrina Estética. p.256.

(14) Pessoa, Fernando. O Eu profundo e os outros Eus.

exalta a poesia do poeta americano e a si próprio: Passagem das Horas, Tabacaria (esta não é considerada sensacionista); e Ultimatum: manifesto Futurista.

Alguns poemas de Álvaro de Campos possuem características Sensacionistas, outros não. Nestes Pessoa trata dos seus temas preferidos (a solidão, a incerteza, a fadiga...) como, por exemplo, na Tabacaria. Em relação ao estilo de Campos, mistura-se o uso do verso livre de Caetano de Campos com o estilo de Whitman, espraçado, torrencial.

Ao ímpeto progressista da fase sensacionista, segue-se em Álvaro de Campos uma fase de cansaço e descrença.

"Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

*Estou hoje lucido como se estivesse para morrer
E não tivesse mais irmandade com as coisas."...*

(15)

"Grandes são os desertos, e tudo é deserto.

*.....
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu".* (16)

Segundo Jacinto do Prado Coelho, Álvaro de Campos é o heterônimo que possui mais afinidades com Fernando Pessoa, ortônimo no que se refere ao cepticismo, à dor de pensar e nas saudades da infância. Mas, de qualquer maneira, "é o poeta da inspiração sem comando, da expressão solta e desleixada". (17)

Fernando Pessoa, o poeta lírico, as influências da época

A poesia de Fernando Pessoa ortônimo liga-se a várias fases. A primeira em relação ao Saudosismo, quando estreia na literatura com a publicação, na revista Águia, de um

(15) Ibid. p.256.

(16) D Eu profundo e os outros Eus. p.266

(17) Coelho, Jacinto do Prado. Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa.

artigo de crítica Literária. O Saudosismo é um movimento liderado por Teixeira de Pascoaes e Pessoa participa como colaborador. Logo, porém, se dá conta dos estreitos horizontes do movimento e trata de organizar o Paulismo e o Interseccionismo.

O Paulismo é anterior ao aparecimento dos heterônimos e o poema que o inaugura é Chuva Oblíqua. É um poema com características simbolistas, surrealistas e decadentistas. Está ligado, portanto, às tendências da época. É uma poesia programática. Termos como: paus, cinza, outono, chuva, horas denotam a influência do movimento Crepuscular da época que se caracterizava pela exploração de temas como o tédio, o vazio, a tristeza sem causa...

O Paulismo evoluiu para o Interseccionismo com a publicação do poema "Ceifeira". Este logo se fundiu com o Sensacionismo. Concomitantemente ao Interseccionismo, surgem os heterônimos.

Em relação aos heterônimos, o ortônimo difere porque não apresenta uma filosofia prática, nem norma de comportamento. A predominância da Temática é em relação ao tédio, à solidão, à saudade da infância, à dor de viver, ao ocultismo...

São obras de Fernando Pessoa ortônimo: a poesia de Mensagem, Os poemas Dramáticos e o Cancioneiro.

A Lírica de Fernando Pessoa nos poemas de o Cancioneiro tem características especiais. Segundo Jacinto do Prado Coelho, são: o anti-sentimentalismo, a ausência do biográfico na poesia, a tendência para reduzir as circunstâncias humanas concretas e verdades gerais. (18)

O que Pessoa diz do Cancioneiro:

"Cancioneiro é uma coletânea de canções. Canção é, propriamente, todo aquele poema que contém emoção bastante para que pareça ser feito para se cantar, isto é para nele existir naturalmente o auxílio, ainda que implícito, da música." (19)

Há em Pessoa ortônimo uma tendência para a interiorização, a introspecção. Enquanto Caetano se volta para o

(18) Coelho, J. do Prado. Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa.

(19) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto Interpretação. p.427.

mundo objetivamente dado, Pessoa se volta para si mesmo buscando intelectualizar aquilo que sente. Aqui, o Sentir e Pensar tomam proporções diferentes do que o tomam nos demais heterônimos. No caso, o pensar toma proporções maiores.

*"Tenho tanto sentimento
Que é freqüente persuadir-me
De que sou sentimental
Mas reconheço, ao medir-me
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal". (20)*

Álvaro de Campos diz de Pessoa: ... "é um novelo embruihado para o lado de dentro".

Em relação à Mensagem, é um poema com características nacionalistas e, devido a sua simbologia, esotéricas.

Segundo José Augusto Seabra, a Mensagem é, no fundo, apenas uma manifestação sistematicamente elaborada do simbolismo esotérico, já que obedece a uma estruturação interna (em relação aos números) e utilização simbólica esotéricas. O citado autor afirma que o mistério que envolve Fernando Pessoa poderia ser decifrado à luz do ocultismo. Acha inclusive que o surgimento dos heterônimos estaria ligado ao esoterismo. (21)

O FINGIMENTO

O Fingimento em Pessoa está ligado aos heterônimos, ao problema da histeria (uso de máscaras), à despersonalização (poeta dramático) e, mais propriamente, ao objeto artístico, o produto poético acabado.

Os heterônimos são a forma que Pessoa encontrou de manifestar poeticamente a multiplicidade das sensações, dos sentimentos e das percepções da alma humana. Diante da complexidade com que se apresenta para o homem a sua situação no mundo, é impossível manter-se, coerentemente, sempre dentro de uma única verdade e forma de ação ou vivência.

É preciso desdobrar-se, ver o mundo, ora com epicurismo de Ricardo Reis, ora com o paganismo ou o não pensar

(20) Pessoa, Fernando. Obras completas de Fernando Pessoa.

(21) Seabra, José Augusto: Fernando Pessoa ou o Poetodrama.

de Alberto Caeiro, com o sensacionismo de Álvaro de Campos, ou o seu imprescindível cansaço; ora urge ao homem buscar no ocultismo e nos elementos esotéricos, uma explicação para a dor de viver; ou a beleza poética na lírica e na música dos versos do poeta ortônimo.

Assim, os heterônimos encarnam as multifacetadas do ser. Daí Fernando Pessoa dizer que a solução para a produção de uma verdadeira obra de arte estaria no desdobramento do poeta em vários. São vários os poemas de Fernando Pessoa em que refere ao uso de máscaras. A máscara como forma de comportamento para enfrentar a realidade. Não se deixar apreender na sua pureza original. Frequentemente foi a máscara errada que usou, e esta de nada serviu.

*"Por que abrem as coisas alas para eu passar?
Tenho medo de passar entre elas, tão paradas
conscientes.
Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem
a máscara." (22)*

*"Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O domínio que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não des-
menti e perdi-me
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara". (23)*

O emprego das máscaras seria atribuído a um problema inerente à própria personalidade do poeta. Uma tendência natural para o fingimento. Como poeta dramático, superior que se considerava (o quarto grau, o mais alto da poesia lírica), seria obrigado a despersonalizar-se para poder transmitir a verdade essencial das coisas. É preciso sair de si para poder transformar a sensação pura do mundo exterior em linguagem poética. Ou, como diria Heidegger, captar a essencialização do ser, na manifestação através dos entes, pela poesia.

O fingimento como forma de expressão poética está nitidamente delineado nos poemas: Autopsicografia e Isto. O poeta deve se libertar do eu subjetivo para poder transmitir com emoção, mesmo as sensações que não tenha tido.

(22) O Eu profundo e os outros Eus.

(23) Ibid.

Em Autopsicografia, o autor transmite uma sensação (a dor) que experimenta, como se não a tivesse. Essa façanha é conseguida através de um alto grau de lucidez intelectual e despersonalização.

A mesma sensação toma proporções maiores dentro do poema quando entra em cena o leitor. Este, ao ler o poema, sente não a própria dor nem as duas formas de dor do poeta, mas a que está escrita.

*"Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração". (24)*

Assim, fingir, para Pessoa, é sentir com a imaginação, com lucidez, sem sentimentalismo, intelectivamente.

Sobre a sinceridade, Fernando Pessoa diz:

"A sinceridade é o grande crime artístico. A insinceridade é o crime que se lhe segue. O grande artista nunca deveria ter uma opinião verdadeiramente fundamental e sincera acerca da vida. Mas isso deveria dar-lhe a capacidade de sentir sinceramente". ()*

Aparentemente este seria mais um relativismo de Pessoa. Mas, acontece que a verdade não está na sinceridade ou insinceridade do poeta. Está, isso sim, na sua capacidade de perceber a forma genuína das coisas.

O OBJETIVISMO PAGÃO

O paganismo representa na obra de Pessoa um ponto de unidade dentro da sua diversidade e variedade.

Uma vez criado Alberto Caeiro com sua filosofia pagã, como o mestre dos outros heterônimos e mesmo de Pessoa ortônimo, significa que há ali um ponto de encontro. Mesmo

[24] O Eu profundo e os outros Eus.

[*] Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Fernando Pessoa.

cantando as sensações fortes, como Álvaro de Campos, o epicurismo de Reis ou o paganismo puro de Caeiró, a introspecção de Pessoa, ele mesmo, é possível apreender dois elementos comuns: o valor relevante da sensação pura, através da observação das coisas; e a tristeza, no fim, por perceber que não há explicação plausível para a dor de viver. Por isso Fernando Pessoa diz que os gregos eram mais tristes do que muita gente pensa.

A solução seria então um objetivismo pagão: as coisas existem e as sensações valem enquanto sensações delas.

E Pessoa trabalha na construção de um Paganismo Superior que seja a síntese suprema de todas as diversas verdades em que se possa perscrutar a Verdade.

"Criemos assim o Paganismo Superior, o politeísmo supremo! Na eterna mentira de todos os deuses, todos são verdade." (25)

Pessoa se refere também a essa unidade dos heterônimos do ponto de vista de uma mesma visão paganista:

"(...) Nem julgue - muito menos o julgue - que é fácil, ou que é possível fazê-los originais, dentro da mesma orientação". (26)

Se o conhecimento que rege a vida do homem no Universo é dado, se não é possível ir além do que é dado objetivamente, resta a conformação e de nada adianta criar ilusões. Por isso Pessoa foi o grande desmistificador. É preciso viver com aquilo que é.

"Reconhecer que não sabemos nada, salvo que há uma lei que se manifesta alheia às nossas dores e aos nossos prazeres, além do Bem e do Mal; que somos, abaixo dessa lei joquetes nas mãos de forças superiores que não conhecem perfeição moral, como nós a não conhecemos entre nós; que, visto que só o Universo objetivo nos foi dado, é nesse Universo e em conformação

(25) Pessoa, Fernando. Fundamentos Filosóficos (Apud Antonio P. Coelho) p.158.

(26) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação p.367.

com esse universo que devemos viver a nossa vida, pois se outras formas de vida pudermos ter, a seu tempo as teremos nos serão dadas. - niato consiste a religião pagã, ou se preferir, a filosofia do paganismo". (27)

INFLUÊNCIAS DA ÉPOCA

Fernando Pessoa andou por todos os caminhos que o pudessem levar ao conhecimento ou à verdadeira arte... Nenhum lhe escapou.

Assim, pode-se dizer que sofreu todas as influências de época, ou seja: o Surrealismo, o Neosimbolismo, Decadentismo, Futurismo, etc. Como todas estas correntes passaram rápido, Pessoa passou rápido por elas.

O Surrealismo teve maior influência sobre ele, quando da formação do Paulismo.

Os Surrealistas assumiram, entre outras posições, as da psicanálise, ao acreditarem que o processo do mundo real implicaria na supervalorização do inconsciente e do sonho.

Pessoa, num de seus poucos textos escritos acerca do Paulismo, postula o caráter de sonho da Literatura moderna.

Como o pensamento e a ação se separam definitivamente na vida moderna, a literatura deverá ser uma arte de sonho.

Na época moderna, não há mais a possibilidade da aventura, porque a ciência já domina o espaço, por isso é preciso ir em busca do interior do homem.

Por oposição à corrida do homem moderno, é preciso buscar a quietude. São exemplos de obras de Pessoa com esta direção, a poesia Impressões do Crepúsculo e o drama O Marinheiro.

Neste último, o autor designa seus diálogos sonhadores de: "drama estático". A poesia Impressões do Crepúsculo, que inicia com a palavra "pauis" foi a que deu o nome de Paulismo à Escola que Pessoa pretendeu fundar cujo objetivo era: "a arte de sonho moderna".

(27) Pessoa, Fernando. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. p.269.

"Pauis de roçarem ânsias pela minh'alma em ou-
ro...
Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o
Louro
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal
por minh'alma...
Tão sempre a mesma, a Hora..." (28)

No caso, a concepção de Pessoa da arte de sonho es-
tática, aparece no verso: Tão sempre a mesma a hora. (Segundo
Georg Rudolf Lind).

João Gaspar Simões diz que o Interseccionismo seria
a transposição para a Literatura do Cubismo e Futurismo, mas
Pessoa defende-se contra a confusão de uma com as outras. No
Interseccionismo, Pessoa continua dando primazia ao sonho.
(29)

Mais tarde, esta corrente evoluiu para o Sensacio-
nismo e Álvaro de Campos, seu principal intérprete, recebe
a influência de Whitmann.

As influências da época se manifestaram em Pessoa
de uma forma evolutiva. Apesar delas e estando dentro delas,
exila-se para fora de seu tempo. Daí porque suas escolas não
vingaram e seus propósitos não foram seguidos pelos seus ami-
gos literatos. Provavelmente, não o compreenderam e preferi-
ram ficar dentro dos limites da época. Pessoa foi muito além.

Influências da época, especialmente do Surrealismo,
heteronímia, fingimento, despersonalização, ocultismo, sensa-
cionismo, eis a multiplicidade da obra de Pessoa, o seu re-
lativismo criador.

Fernando Pessoa tinha por objetivo criar uma obra
de arte inigualável e para isto foi em busca de todas as ver-
dades possíveis, movido sempre pela ânsia de conhecer a es-
sência das coisas.

Descobriu logo que a verdade é multifacetada e
criou uma obra também multifacetada.

Se há um ponto através do qual é possível apanhar
uma unidade em Pessoa, é aquele que se refere à temática.

Apesar dos heterônimos e de todas as influências
que sofreu, os seus temas mais insistentes são aqueles que
apresentam uma verdade paradoxal: ou seja, a unidade de con-
trários.

(28) O Eu profundo e os outros Eus.

(29) Lind, Georg Rudolf. Estudos sobre Fernando Pessoa.

São alguns exemplos:

Ser e não ser
Tudo - Nada
Vida - Morte
Ser e Pensar
Dentro e Fora.

"Não sou nada
Nunca serei nada
Não posso querer ser nada
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo". (p.256)

"Com o destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada do nada." (p.256)

"Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada." (p.158)

"Só a natureza é divina, e ela não é divina...
Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem
dos homens
Que dá personalidade às coisas,
e impõe nome às coisas". (p.154)

Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não seria Natureza." (p.155)

"Deixo de me incluir
Dentro de mim. Não há
cá-dentro nem lá-fora. (p.92)*

"Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver".

Os trechos acima são de vários heterônimos e a temática sempre se repete, apenas sob nova roupagem.

* Pessoa, Fernando: O Eu Profundo e os outros Eus.

CONCLUSÃO

Ao longo da obra de Pessoa, deparam-se com afirmativas as mais paradoxais ou relativizadoras. E, por causa delas, todo aquele que quiser interpretar ou compreender a sua obra, ver-se-á confundido ou perdido na sucessão de labirintos por ele preparados.

Mas, quem sabe não haverá unidade nesta diversificação toda?

Na sua obra em prosa Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, são encontradas as afirmativas:

"Isto não significa que nenhum sensacionista deva ter opinião política; significa, sim, que, como artista, não terá nenhuma e terá todas." (p.215)

"Não há critérios de verdade senão não concordar consigo próprio. O Universo não concorda consigo próprio porque passa. A vida não concorda consigo própria porque morre. O paradoxo é a fórmula típica da natureza. Por isso toda verdade tem uma forma paradoxal". (p.218)

"Deves ser um Universo sem lei para poderes ser superior".

"Ter opiniões é não sentir. Todas as nossas opiniões são dos outros." (p.217)

"Um homem culto e inteligente deve ser pagão ao meio-dia e católico após o pôr-do-sol". (p.215)

"... na medida em que sou qualquer coisa (e faço todos os esforços para não ser a mesma coisa durante mais de três minutos por ser má higiene estética, sou pagão..." (p.138)

"... Assim como Criador de anarquias me pareceu sempre o papel digno de um intelectual (dado que a inteligência desintegra e a análise estiola)" (p.66)

Aí está o retrato de Fernando Pessoa: sem verdade nenhuma, sem opiniões, um anarquista, desmistificador e destruidor de mitos, paradoxal, sem objetivos humanos (glória, honra, vergonha), sem princípios, sem fé, um universo sem leis, um poeta acima de tudo.

Tentar analisar a sua obra é desmerecê-la (a análise estiola). Procurar uma lei fundamental para explicá-la é não ter compreendido nada, uma vez que toda a sua criação foi concebida sob o signo da pluralidade.

"Sentir tudo de todas as maneiras" é a única norma que dispensa todas as normas.

Se, como diz Heidegger, a linguagem surge através da

poesia que é a obra de criação e desvendamento do mundo e constitui a essência do ser, Pessoa, com a sua obra, revelou um mundo novo, livre de todos os arquétipos deteriorados e falsas verdades. Um mundo original, ele mesmo.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Fernando Pessoa
Em prosa:

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Ática. Lisboa

Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Ática. 2ª ed. Lisboa, 1973.

Em poesia:
Obras Completas. Edição Bíblica.

O Eu profundo e os outros Eus. Seleção poética. Nova Fronteira. 10ª ed. Rio de Janeiro, 1980.

Sobre Fernando Pessoa:

COELHO, Antônio Pina. Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa. Editorial Verbo, Lisboa, 1971. I volume.

COELHO, Jacinto do Prado. Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa. Verbo. Lisboa. 2ª ed. 1963.

LIND, Georg Rudolf. Estudos sobre Fernando Pessoa. Estudos Portugueses.

SEABRA, José Augusto. Fernando Pessoa ou o Poetodrama. Perspectiva. São Paulo. 1973.